



Vanessa Lopes > **A Materialidade na Arte:
uma leitura orientada para o processo**

Resumo

O artigo apresenta um breve panorama de discussões a partir do tema da materialidade, um assunto recorrente em diversas áreas do conhecimento, muito em função da necessidade de um novo entendimento sobre aquilo que é produzido na hipermodernidade, tendo em vista a atual mudança de paradigma com relação à noção de sujeito e de objeto. Defendemos que a materialidade da arte seja vista a partir de uma visão processual desvinculada da ideia de um produto final e/ou da dicotomia material vs. imaterial. Fundamentados pela teoria corpomídia, de Katz e Greiner, argumentamos sobre a importância de politizar os discursos em se tratando dos processos envolvidos na constituição do novo.

Palavras-chave: Arte. Materialidade. Processo. Corpomídia.

Abstract

The article presents a brief panorama of possible discussion from the theme of materiality, a recurring topic in several areas of knowledge, due to the current paradigm shift related to the notion of subject and object. We defend that the materiality of arte should be seen from a processual vision disengaged from the idea of a final project and/or the dichotomy of material versus immaterial. Grounded by the theory of body-media, by Katz and Greiner, we argue about the importance of to politicize discourses in dealing with the processes involved in the constitution of the new.

Keywords: Art. Materiality. Process. Body-media.

Os novos materialismos tratam da matéria emergente, das coisas que vêm sendo produzidas e que ainda não possuem uma definição precisa. Iniciaremos este artigo com uma pergunta¹ genérica: o que é a matéria? Bom, eu sou uma *millennia*², nascida exatamente em 1980, um pouco antes da data estipulada por Michael Harris, no livro *"The End of Absence"* (2014), como a linha de corte entre os mundos analógico e digital. Segundo o autor – certamente se referindo aos centros urbanos economicamente desenvolvidos –, quem nasceu depois de 1985 não terá a experiência de ter vivido uma vida 100% analógica. Ou seja, foi a partir desse momento que passamos a nos relacionar uns com os outros e com o mundo conectados digitalmente. Pois bem, mais ou menos nessa mesma época eu aprendia, no início de minha jornada escolar, que matéria era tudo aquilo que tinha massa e que ocupava lugar no espaço. Esta visão mecanicista foi uma herança deixada por René Descartes³ e persiste no imaginário do senso comum até os dias de hoje. Se seguirmos a lógica cartesiana dualista, podemos dizer que todo corpo que não apresenta tais características pode ser considerado imaterial, o que seria o caso da mente, classificada por ele como algo separado do mundo físico.

Desde sempre, falar de matéria significa falar de um elemento presente em todos os segmentos da vida na terra. Afinal, somos formados e rodeados por matéria, e é através dela que concretizamos nossa experiência de ser e estar no mundo. O tempo todo, utilizamos a matéria disponível no ambiente, transformando-a em coisas, as quais, por sua vez, são devolvidas para o ambiente, ou mesmo recicladas, num ciclo sem fim de (re)utilização. Depois da revolução industrial, no século XIX, o comportamento utilitário e tecnicista para com a matéria cultivou uma sociedade altamente materialista, ao mesmo tempo em que continuamos a produzir uma enorme quantidade de "coisas" sem massa e que não ocupam lugar no espaço, como o pensamento, a consciência, o desejo, a linguagem, o conhecimento, apenas para citar alguns exemplos.

No plano da superfície de um universo observável, fica bastante clara a distinção daquilo que é da ordem do objeto e do que é da ordem do sujeito, cada um muito bem delimitado, entre aquilo que é material e aquilo que é tido como imaterial. Essa cosmovisão fez sentido durante muito tempo, enquanto era defendida a tese de que vivíamos num mundo ordenado em grandes narrativas e regido por

1 Utilizamos *practice-based research* como ferramenta de pesquisa, em que o conteúdo vai sendo elaborado de forma processual a partir de perguntas e respostas.

2 Também conhecida como geração Y, que compreende as pessoas nascidas no início da década de 80, dentro de famílias pequenas e em contato constante com meios de comunicação.

3 Considerado o pai da filosofia moderna ocidental. Publicou em 1647 *"La description du corps humain"*, em que defende a dicotomia corpo-mente.

verdades absolutas, em grande parte fundamentada pela ciência clássica e pelo pensamento cartesiano. Agora, em pleno século XXI, surge a necessidade de outras elaborações para iluminar o limbo presente nas definições e aplicabilidades dos elementos que constituem aquilo que produzimos na hipermodernidade⁴. Se hoje as leis que regiam a realidade entraram em colapso, então a que regras de movimento estamos submetidos?

Com o avanço do digital, passamos a lidar o tempo todo com objetos desprovidos de massa e que também não ocupam lugar no espaço, mas que fazem parte do cotidiano de parte considerável da população mundial, principalmente nos grandes centros urbanos. Em se tratando de tecnologia, podemos falar da Internet das Coisas (IoT, *Internet of Things*), dos sinais *Wireless* emitidos por múltiplos *devices* e satélites, da comunicação *Machine-to-Machine* (M2M), da Inteligência Artificial (AI, *Artificial Intelligence*), apenas para citar alguns exemplos. Portanto, não é possível reduzir ao termo “virtual” a multiplicidade dos objetos intangíveis que vêm sendo produzidos, tendo em vista que é preciso desenvolver uma reformulação teórica para se lidar com as materialidades que emergem nesses ambientes.

Torna-se difícil, atualmente, conciliar o processamento de informações em *Big Data*, de interações e comportamento humano conectados em rede, com teorias mais tradicionais da informação, iniciadas com o modelo *input-output* de Shannon⁵. Tal que a IoT já utiliza o modelo de comunicação M2M, capaz de relacionar máquinas sem a intervenção humana. Este é um caso em que a ação maquina transfeere para si a tarefa de mediação do processo comunicativo, uma habilidade até então considerada inexecutável por um objeto apartado de um sujeito pensante no comando.

As inovações galopantes promovidas pela robótica com o desenvolvimento da AI transformaram o significado do conceito de objeto, que precisou ser ampliado para além da ideia de inanimado. As máquinas agora são programadas para agir por si mesmas, algo que afeta diretamente a existência corporal de tudo aquilo que fazemos. Se, por um lado, as máquinas estão ficando mais inteligentes, em outro nó a biopolítica (FOUCAULT, 1999) aponta para uma crescente objetificação do corpo e para a normatização do tecido social. Ou seja, observamos a vida sendo controlada por mecanismos de poder que operam em diversos níveis, do micro ao macro, estabelecendo normas a serem cumpridas pelos indivíduos desde o seu nascimento até a morte, o que traz consequências diretas ao processo de constituição do corpo e de seus processos de subjetivação. É por este motivo que o conceito de sujeito também precisa ser repensado. Para Elizabeth Grosz, devemos entender como ‘coisa’ aquilo que fazemos do mundo e não aquilo que nele encontramos, num entrecruzamento entre mente e matéria. Desta forma, poderíamos defini-la como a matéria que se encontra configurada em algo, sendo que esta configuração é o que possibilita a invenção do novo:

4 Termo utilizado por Serroy e Lipovetsky, em “A Estetização do Mundo: Viver na era do capitalismo artista” (2015), para descrever a fase de produção e consumo no atual estágio do capitalismo.

5 Claude Shannon era matemático e foi um dos pioneiros na elaboração da Teoria da Informação, publicando em 1948 o artigo “*A Mathematical Theory of Communication*”.

Vida é a crescente acomodação da matéria, a adaptação das necessidades da vida exigidas pela matéria. É a matéria, a coisa, que produz a vida; é a matéria, a coisa, que sustenta e promove a vida na sua orientação e organização biológica; e é a matéria, a coisa, que solicita que a vida se supere, para evoluir, para se tornar mais. Nós encontramos a coisa no mundo como uma fonte para produção de coisas, e no processo de deixar nosso traço nas coisas. A coisa é o recurso para ambos, sujeitos e tecnologia.⁶ (GROSZ, 2015, p. 147)

No livro *“New Materialisms: Ontology, Agency and Politics”* (2010), Dianna Coole e Samantha Frost reúnem artigos que atualizam o conceito de matéria e apresentam possíveis desdobramentos para esta discussão. Para as organizadoras, é preciso revisar radicalmente o tema da materialidade, explorando os significados e as consequências políticas para além da existência do objeto em si. Esta proposta de quebra de paradigma se dá num momento em que se busca traçar uma nova ontologia sobre como nos relacionamos com as coisas, os outros, a natureza, o consumo, a economia, a tecnologia, o virtual etc, conforme colocam:

[...] a represália ao materialismo deve ser verdadeiramente radical. Isso significa retornar a questões fundamentais sobre a natureza da matéria e o lugar do corpo humano no mundo material; isso significa atender aos avanços da ciência natural assim como às transformações nas maneiras como atualmente produzimos, reproduzimos e consumimos o meio ambiente. Isso implica em maior sensibilidade às mudanças contemporâneas nas esferas ecológicas e biológicas, assim como às transformações nas estruturas econômicas globais e na tecnologia. Isso também demanda uma análise detalhada de nossas interações diárias com objetos materiais e o ambiente natural. O que está em jogo aqui não é nada menos que um desafio a alguns dos pressupostos mais básicos que têm guiado o mundo moderno, incluindo a ideia normativa de ser humano e suas crenças sobre agenciamento, mas também sobre suas práticas materiais, tais como o modo que trabalhamos, exploramos e interagimos com a natureza. (COOLE; FROST, 2010, p. 10)⁷

Ao introduzir os estudos sobre as novas materialidades, as autoras abrem alguns dos caminhos pelos quais os argumentos estão sendo construídos com o que chamam de “vitalidade

6 Tradução nossa: “Life is the growing accommodation of matter, the adaptation of the needs of life to the exigencies of matter. It is matter, the thing, that produces life; it is matter, the thing, which sustains and provides life with its biological organization and orientation; and it is matter, the thing, that requires life to overcome itself, to evolve, to become more. We find the thing in the world as our resource for making things, and in the process, for living our trace in things. The thing is the resource for both subjects and technology.”

7 Tradução nossa: “[...] a reprisal of materialism must to be truly radical. This means returning to the most fundamental questions about the nature of matter and the place of embodied humans within material world; it means taking heed of developments in the natural science as well as attending to transformations in the ways we currently produce, reproduce, and consume our material environment. It entails sensitivity to contemporary shifts in the bio- and eco-spheres, as well as to changes in global economic structures and technologies. It also demands detailed analyses of our daily interactions with material objects and the natural environment. What is at stake here is nothing less than a challenge to some of the most basic assumptions that have underpinned the modern world, including normative sense of the human and its beliefs about human agency, but also regarding its material practices such as the ways we labor on, exploit, and interact with nature.”

imane da matéria”⁸ (2010, p. 8), uma vez que trabalham com a ideia de que toda matéria detém uma força generativa própria, independente da ação do homem enquanto sujeito dominante. Tal afirmação coloca a matéria tida como animada/viva/mole e a matéria inanimada/morta/dura em um mesmo patamar, com um foco maior no que as coisas se tornam a partir de seus elementos constitutivos em detrimento daquilo que elas são. Segundo elas:

Talvez o mais interessante aqui seja o modo com que as novas ontologias materialistas estão abandonando a terminologia de matéria como uma substância inerte sujeita a forças casuais previsíveis. De acordo com os novos materialismos, se tudo é material na medida em que é composto por processos físico-químicos, nada é redutível a tais processos, pelo menos como é entendido convencionalmente. A materialidade é sempre algo mais que ‘mera’ matéria: um excesso, força, vitalidade, relação ou diferença que torna a matéria ativa, autocriativa, produtiva, imprevisível. Em suma, novos materialistas estão redescobrimo uma materialidade que materializa, evidenciando modos imanentes de autotransformação que nos obrigam a pensar a causalidade em termos mais complexos, a reconhecer que os fenômenos são capturados em uma infinidade de sistemas e forças interligados e a considerar novamente a localização e a natureza das capacidades de agência. ⁹ (COOLE; FROST, 2010, p. 9)

Ainda dentro da questão inicial apontada pelo artigo, é importante mencionar que hoje sabemos que as partículas que formam a matéria se parecem muito mais com energia vibrante que com minigrãos de areia congelados do tempo. A partir da teoria do Modelo Padrão¹⁰, cientistas conseguiram provar a existência do Bóson de Higgs, uma partícula elementar considerada hipotética desde 1964. O feito rendeu aos físicos François Englert e Peter Higgs o Prêmio Nobel de Física de 2013, deixando a certeza de que ainda sabemos muito pouco sobre os elementos que constituem o Universo em expansão.

Compondo com matéria física, temos os organismos vivos, e as implicações sobre a existência da vida vão além da discussão sobre massa, volume e espaço, uma vez que abarcam todos os seres vivos e as suas necessidades de sobrevivência. No nosso caso específico, para além da preservação da espécie, os humanos estabeleceram uma vida política em sociedade. As relações que se configuram a partir dessa condição formam ao mesmo tempo um sistema sócio-político-econômico-ambiental. Vejamos

8 Tradução nossa: “matter’s immanent vitality.”

9 Tradução nossa: “Perhaps most significant here is the way new materialist ontologies are abandoning the terminology of matter as an inert substance subject to predictable casual forces. According to the new materialism, if everything is material inasmuch as it is composed of physicochemical processes, nothing is reducible to such processes, at least as conventionally understood. For materiality is always something more than ‘mere’ matter: an excess, force, vitality, relationally, or difference that renders matter active, self-creative, productive, unpredictable. In sum, new materialists are rediscovering a materiality that materializes, evincing immanent modes of self-transformation that compel us to think of causation in far more complex terms, to recognize that phenomena are caught in a multitude of interlocking systems and forces and to consider anew the location and nature of capacities for agency.”

10 Teoria da física que estuda o comportamento de partículas elementares e a natureza da matéria. Mais informações no artigo “O Modelo Padrão da Física de Partículas”, de Moreira (2009). Link: <http://dx.doi.org/10.1590/S1806-11172009000100006>. Acesso em 15/09/2017.

o caso da biotecnologia, por exemplo, que desenvolve produtos para diversas áreas a partir de modificações genéticas. Suas ações – que vão desde o cultivo de transgênicos até a clonagem humana – levantam questões iminentes sobre códigos normativos e éticos de nossa época.

As implicações políticas de um novo tipo de conduta para com a vida têm sido amplamente debatidas, uma vez que, ao trazer cada vez mais a tecnologia para o corpo, e vice-versa, provocamos um crescente enredamento entre sujeito e objeto, com consequências diretas para a vida como um todo e a alteração da ideia que temos de nós mesmos e sobre quem somos no mundo. A linha que separava humanos de não humanos agora é capilar. Portanto, para falar de biomaterialidade é preciso falar também de biopolítica, ou seja, nas premissas de controle e funcionalidade contidas nas políticas mantenedoras da vida.

Guiados por esse raciocínio, não podemos deixar de falar em mercado e consumo, uma vez que o capitalismo tardio – alavancado pelo neoliberalismo – é que detém, no momento, o poder mais efetivo no que diz respeito ao direcionamento da vida. Nesse sentido, os materialistas tendem a dialogar com os marxistas em seus estudos pelo simples fato de ambos atuarem de forma crítica ao modelo capitalista (COOLE; FROST, 2010, p. 30). No mapa geopolítico atual – desenhado após a globalização –, as fronteiras são ao mesmo tempo invisíveis e determinantes. Todos estes aspectos da materialidade coexistem na contemporaneidade. Como consequência, dentro do guarda-chuva das novas materialidades, testemunhamos uma mudança cultural sem precedentes, capaz de transformar as estruturas que alicerçavam os modos de vida na terra. Coole e Frost argumentam sobre o assunto:

Portanto, estes “novos” críticos materialistas situam cidadãos, ideias e valores (assim como eles próprios enquanto teóricos) dentro das áreas das forças materiais e das relações de poder que produzem e circunscrevem sua experiência e coexistência. Eles traçam as várias lógicas de, e interrelações entre, amplas estruturas econômicas e interrogam criticamente as complicadas causalidades que os conectam com experiências do dia a dia.¹¹ (COOLE; FROST, 2010, p. 28)

E complementam, um pouco mais à frente:

Esta atenção renovada para estruturas de economia política complementa uma nova sensibilidade materialista para a resiliência da matéria diante de sua reconstrução, a ação de estruturas não objetivas, a importância de experiências corporais, e os incontáveis sistemas materiais inter-relacionados, necessários para sustentar os cidadãos antes que eles possam votar ou tomar decisões. Isto é, o novo materialismo crítico está de acordo com a nova ontologia materialista, na medida em que ambos entendem a materialidade de forma relacional, num sentido emergente de materialização circunstancial – um processo

11 Tradução nossa: “Thus, these ‘new’ critical materialists situate citizens, ideas and values (as well as theorists themselves) within the fields of material forces and power relations that produce and circumscribe their existence and coexistence. They trace the various logics of, and interrelationships between, broad political and economic structures and critically interrogate the complicated causalities that link them to everyday experiences.”

dentro do qual um tanto de agenciamentos e estruturas mais ou menos duradouras sedimenta-se e solidifica-se, por vezes como resultado de sua inércia interna, mas também como uma manifestação dos interesses de poder neles investidos.¹² (COOLE; FROST, 2010, p. 29)

Outro artigo dessa coletânea, escrito por Pheng Cheah, propõe um contraponto ao materialismo dialético, um termo habitualmente atribuído à obra de Karl Marx, que trata basicamente de um momento na história em que a realidade bruta da matéria passa a ser negada em função de outros atributos relacionados à sua funcionalidade, fator que gera uma noção de negatividade em relação à produção das novas materialidades. Cheah, por sua vez, defende o que ela nomeia como materialismo não dialético, em que procura quebrar com essa ideia marxista de que no trabalho criativo ocorre uma negação da matéria para a produção de novas materialidades:

Diferente do materialismo dialético, o dinamismo da matéria não deriva da negatividade do trabalho criativo humano ao moldar e mudar a forma (isto é, transformar) da matéria inerte de objetos pré-dados. Trata-se de um dinamismo não humano composto por velocidades e intensidades que abrem a composição de qualquer ser individual, colocando-a em diferentes conexões com outras partículas, levando-a assim para sua recomposição.¹³ (CHEAH, 2010, p. 87)

No gancho dessa discussão, o artigo de Jason Edwards traz um olhar para o materialismo histórico enquanto doutrina filosófica preocupada com a natureza e as manifestações multiformes da matéria. Sua linha de pensamento procura seguir elementos factuais de estudos sociais e políticos, em detrimento da teoria contida em teses explicativas sobre o tema. Segundo ele, o que se mantém no centro das discussões nos dias de hoje são as análises das condições estabelecidas pela sociedade capitalista contemporânea à luz de seu desenvolvimento, de instituições estáveis e suas práticas, e do conjunto de circunstâncias existentes para a reprodução e a manutenção desse sistema:

Atualmente, não tem nada de “novo” no entendimento do materialismo histórico. Porém, muitos críticos pós-estruturalistas do humanismo e do determinismo marxista esquecem esta concepção de materialismo histórico precisamente no momento em que deveriam lembrá-la. Muito das análises políticas que aparecem na literatura pós-estruturalista utilizam-se efetivamente de

12 Tradução nossa: “This renewed attention to structures of political economy complements new materialist sensitivities to the resilience of matter in the face of its reconstruction, the agency of nonobjective structures, the importance of bodily experience, and the myriad interrelated material systems needed to sustain citizens before they can vote or deliberate. That is, the new critical materialism are congruent with new materialist ontologies inasmuch as they understand materiality in a relational, emergent sense as contingent materialization – a process within which more or less enduring structures and assemblages sediment and congeal, sometimes as a result of their internal inertia but also as a manifestation of the powerful interests invested therein.”

13 Tradução nossa: “Unlike dialectical materialism, the dynamism of matter does not derive from the negativity of human creative labor as it shapes and changes the form of (that is transform) the inert matter of pregiven objects. It is an inhuman dynamism consisting of speeds and intensities that open up the composition of any individual being, putting it into different connections with other particles, thereby leading to its recomposition.”

uma forma multicultural liberal e de uma identidade política que parece cega ou indiferente aos maiores problemas enfrentados hoje por todos os humanos: mudança climática, desigualdade global, migração forçada, novas formas de escravidão e a proliferação da tecnologia militar e da guerra [...] tudo tem consequências óbvias e de longo alcance no presente, para saber como a vida material é organizada, interrompida e transformada. Nós precisamos então retornar ao tipo de reprodução das sociedades capitalistas e dos sistemas estatais, tanto em suas práticas diárias de produção e consumo quanto no poder ideológico e coercitivo dos estados e do sistema internacional.¹⁴ (EDWARDS, 2010, p. 283)

Entender a matéria enquanto um elemento dinâmico é um primeiro ponto importante que constatamos em nossa proposta de leitura. Enquanto experiência, a materialidade mantém uma relação de interdependência com o sistema sensorio-motor do corpo, estando diretamente ligada à percepção, conforme aponta William Connolly (2010) em outro artigo. O autor afirma que a percepção funciona de forma intersensorial, o que significa que a experiência nunca é percebida por um único sentido, colocando o corpo como mediador da relação com o campo fenomenológico.

Até aqui, tivemos uma visão geral de onde se concentra a problemática que envolve a materialidade. De acordo com leituras apresentadas, observamos que grande parte das discussões sobre a materialidade trazem embutida a ideia de processo como o fio condutor e elemento constituinte da realidade, podendo ser considerado como uma importante chave para o entendimento das novas materialidades. Esta abordagem processual coloca um fim na ideia de que existam objetos prontos e acabados, uma vez que se encontram sempre em relação a algo. Fica claro que não existe mais espaço para dualismo cartesiano entre um mundo físico e um imaterial, uma vez que ambos se encontram completamente enredados.

Dentro dos estudos contemporâneos do corpo, a discussão se mantém em sintonia com o estado da arte apresentado. A teoria corpomídia, de Katz e Greiner, ajuda-nos a compreender esta condição ao olhar para o corpo, seja ele vivo ou inanimado, como um objeto de pesquisa em processo, que se constitui juntamente com o ambiente através de trocas contínuas de informação. A partir de uma abordagem indisciplinar, o corpo é entendido como uma mídia de processos, para além do pensamento dual (dentro e fora, cultura e não cultura, sujeito e objeto etc). Aqui, a cognição, a comunicação, a cultura e o conhecimento não são tratados como sinônimos, porém se constituem na interação-negociação-ajustes

14 Tradução nossa: "Now, there is nothing "new" in this understanding of historical materialism. But many poststructuralist critics of humanist and determinist Marxism forget this conception of historical materialist precisely at the moment when they need to remember it. Much of the political analysis that appears in poststructuralist literature effectively resorts to a form of liberal multicultural and identity politics that seems blind or indifferent to the major problems faced by all humans today: climate change, global inequality, forced migration and new forms of slavery, and the proliferation of military technology and warfare [...] all have obvious and far-reaching consequences in the present for how material life is organized, disrupted, and transformed. We need to return, then, to a kind of reproduction of capitalist societies and the system of states, both in everyday practices of production and consumption and in the ideological and coercive power of states and the international system."

entre o corpo e seu ambiente, uma vez que as materialidades estão no mundo, agindo, contaminando e sendo contaminadas numa via de mão dupla.

Um ponto importante é que a forma como o corpo deve ser lido depende basicamente de sua elaboração, visto que não existe um modelo pronto, como um produto acabado que será descoberto ao ser dissecado. Segundo Katz e Greiner (2004, p. 4), o conceito de “*embodiment*” ganhou espaço na comunicação após a afirmação de McLuhan de que “nós damos forma às nossas ferramentas e, então, elas nos moldam”. Hoje sabemos que o processo de reconhecimento de informação se dá em rede e que “não há nenhum conhecimento formulado na linguagem que não tenha estado no corpo” (KATZ; GREINER, 2004, p. 17). Neste sentido, as autoras sugerem que a evolução seja vista como um processo em andamento, não como um fenômeno do passado, e insistem que o corpo não deve ser tratado como um suporte/ recipiente/meio para informações que entram e saem dele (modelo *input-output*). Muito pelo contrário, uma vez que “as relações entre o corpo e o ambiente se dão por processos co-evolutivos que produzem uma rede de pré-disposições perceptuais, motoras, de aprendizado e emocionais” (KATZ; GREINER, 2005, p. 130), a própria comunicação se dá de forma processual, sempre em movimento. Nesse sentido, as informações capturadas do ambiente se transformam em corpo, permanecendo num estado contínuo de presença:

É com essa noção de mídia de si mesmo que o corpomídia lida, e não com a ideia de mídia pensada como veículo de transmissão. A mídia a qual o corpomídia se refere diz respeito ao processo evolutivo de selecionar informações que vão constituindo o corpo. A informação se transmite em processo de contaminação. (KATZ; GREINER, 2005, p. 131)

Assim, as autoras defendem que o corpo não é algo pronto, uma vez que, sob esse ponto de vista, ele está sendo algo que se molda na medida em que recebe e distribui informações. Por este motivo, podemos dizer que o corpo se constitui de forma processual, formando e sendo formado continuamente através de fluxos contínuos de informação. Para Katz e Greiner, a conexão entre a teoria e a prática é o que dá sentido a essa epistemologia, que não existiria apartada da vida, por isso a importância em se criar redes cognitivas. Elas ainda acrescentam que “comunicação, arte e vida se politizam quando se assume o compromisso de investigá-las na perspectiva do corpomídia” (2015, p. 19).

Um segundo ponto importante a ser levantado é que todas as abordagens que selecionamos para este artigo trazem consigo uma forte afirmação política, pois se preocupam com o que está sendo produzido e em como esta produção afeta a vida na terra. Voltando à questão inicial do artigo sobre o que é matéria, chegamos num entendimento de que a pergunta deveria ser reformulada para: como a matéria agencia nossas vidas? Já que nesta cosmovisão não importa o que tal coisa é; o que interessa para nós é o que essa coisa é capaz de acionar. Segundo Petra Lange-Berndt:

É, portanto, uma decisão política focar na materialidade da arte: isso significa considerar o processo de fazer e as relações de poder associadas, considerar os trabalhadores – sejam eles fábricas, estúdios ou espaços públicos, sejam conhecidos ou anônimos – e suas ferramentas e espaços de produção. Mas tradições empíricas são mais dominantes no mundo anglo-americano do que muitos pesquisadores gostariam de admitir, e o recente crescimento de abordagens técnicas na história da arte sujeita a categoria novamente a uma abordagem positivista, onde o conhecimento é combinado com uma crença inquestionável na ciência. Portanto, falar em processos de criação é ainda associado com o formalismo, enquanto o material é pensado como concreto, com uma fiscalidade direta e inerte, que carrega mensagens impressas. Ainda que objetos e coisas estejam sendo vastamente investigados, este campo não recebeu a atenção que precisava. Para alguns, envolver-se com materiais ainda parece a antítese da intelectualidade, um *playground* para aqueles que não têm interesse em teoria, enquanto estudos materiais são definidos, na melhor das hipóteses, como uma ciência auxiliar. Materialidade é um dos conceitos mais contestados em arte contemporânea e é frequentemente deixado de lado na escrita acadêmica crítica.¹⁵ (LANGE-BERNDT, 2015, p.12)

Quando trazemos a discussão para o estudo da arte, deparamo-nos com o problema apontado na citação acima. Sabemos que é preciso seguir em frente na formulação teórica, porém muitas vezes nos prendemos a um pensamento ainda enraizado em conceitos cristalizados no tempo, como a dicotomia material vs. imaterial, por exemplo. Hoje em dia, pensar a materialidade da arte diz muito mais respeito à matéria em suas diferentes fases do que à fisicalidade de um produto final a ser consumido, conforme Lange-Berndt desenvolve mais adiante:

Seguir os materiais significa não discutir questões estéticas de qualidade, expressividade ou conteúdo simbólico, mas investigar problemas sociais transpessoais e motivos de preocupação. Dentro dessa metodologia é primordial situar a prática artística dentro de uma perspectiva histórica e abrir os significados dos materiais usados no cotidiano sem uma conotação artística: 'Entender materiais é ser capaz de contar a história deles'. A fim de envolver-se criticamente com o significado da gasolina na instalação de Romuald Hazoumès, do chocolate no trabalho de Janine Antoni, ou do lixo nos projetos de Mierle Laderman Ukeles é preciso um conjunto revisado de ferramentas histórico-artísticas. Cumplicidade com materiais significa não se vincular predominantemente com os pares que operam o mesmo sistema,

15 Tradução nossa: "It is therefore a political decision to focus on the materials of art: it means to consider the process of making and the associated power relations, to consider the workers - whether they are factories, studios or public spaces, whether they are known or anonymous - and their tools and spaces of production. But traditions of empiricism are more dominant in the Anglo-American world than most scholars would like to admit, and the recent rise of technical approaches in art history subjects category again to a positivist approach, where connoisseurship is combined with an unquestioning belief in science. Thus, to address processes of making is still associated with formalism, while material as thought of in terms of concrete, direct and inert physicality, carrying imprinted messages. Although objects and things have been much investigated, this field has not received the attention it needs. For some, to engage with materials still seems the antithesis of intellectuality, a playground for those not interested in theory, while material studies are defined, at best, as an auxiliary science. Materiality is one of the most contested concepts in contemporary art and is often sidelined in critical academic writing."

mas, ao contrário, envolver-se com outras disciplinas de acordo com cada tópico: botânicos, por exemplo, se considerarmos uma prática artística centrada em plantas; tecnólogos, se nos engajamos com materiais inteligentes; ou se a prática está centrada no lixo pode-se querer entrevistar trabalhadores de um aterro sanitário. O caminho a ser tomando para 'seguir os materiais' não é linear, não é claramente divisível em vanguarda, alto modernismo, pós-modernismo, e por aí vai. Em vez disso, encontra-se emaranhado, anacrônico, em camadas, incorporando referências que apontam para além das fronteiras canônicas da história da arte.¹⁶ (LANGE-BERNDT, 2015, p. 16)

Com o reconhecimento da condição pós-mídia¹⁷ por Rosalind Krauss, em 2009, a arte deixou de estar vinculada a uma mídia específica. Na produção moderna, um quadro era feito com um pedaço de tecido colocado num *frame* de madeira e tinta; na produção contemporânea uma instalação pode utilizar infinitas possibilidades materiais no tempo-espço. Não demorou para que a falta de um suporte tangível dos ambientes plurais gerasse uma falsa impressão de invisibilidade da matéria. Porém, mesmo experimentos desprovidos de extensão corpórea permanecem imersos no materialismo do mundo em todas as etapas de sua cadeia produtiva. Este é um dos motivos pelo quais podemos afirmar que, em termos factuais, não existe o que tem sido chamado de arte imaterial. Pelo contrário, a arte se mantém pioneira no ato de criar novas materialidades e novas formas de presença, servindo como uma fonte inesgotável de inovação.

O problema é que, na teoria, a arte geralmente aparece referenciada a um objeto, uma materialidade. Quando perde essa referência, é automaticamente taxada de imaterial, o que comprova que o objeto sempre foi um elemento chave nos estudos da arte. Quando perdemos esse apoio, ficamos com uma lacuna na própria definição do que seja a arte. Um caminho de expressão e de modos de existência que nos ajuda a lidar com nossa humanidade, nossa incompletude, nossa finitude: a arte ativa para além do objeto e não cessa de alavancar possibilidades para a chegada do desconhecido. Olhar para o seu processo de constituição ajuda a localizar e a lidar com as novas materialidades que emergem da produção artística contemporânea. Dentro dos estudos das mídias, Parikka utiliza o trabalho dos artistas Jonathan Kemp, Ryan Jordan e Martin Howse como forma de investigar os novos materialismos:

16 Tradução nossa: "To follow the materials means not to discuss aesthetics issues of quality, expressiveness or symbolic content but to investigate transpersonal societal problems and matters of concern. Within this methodology it is paramount to situate artistic practices within historical perspectives and to open the meanings of the materials used to their everyday or non-art connotations: 'To understand materials is to be able to tell their histories'. In order to engage critically with the meaning of gasoline on Romuald Hazoumès's installation, chocolate in the work of Janine Antoni, or garbage in the projects of Mierle Laderman Ukeles one needs a reformed set of art-historical tools. Complicity with materials means not engaging predominantly with peers who operate in the same system, but rather becoming involved with other disciplines according to the topic: botanists, for example, if considering an art practice centered on plants; technologists, if it engages with smart materials; or it is centered on trash one might want to interview workers in a sanitation department. The path one takes when 'following the materials' is thus not linear, not clearly divisible into avant-guard, high modernist, postmodern, and so on. Rather, one encounters entangled, anachronistic, layers, incorporating references that point beyond canonical art-historical boundaries."

17 O conceito de arte pós-mídia foi lançado por Krauss em "A Voyage on the North Sea: Art in the Age of the Post-Medium Condition" (2009).

[...] o projeto dos três artistas, incluindo o Crystal World, referem-se a dois tipos de espaço: o espaço que habitamos como corpos orgânicos inseridos não apenas dentro de uma determinada orientação arquitetônica e de controle e também o espaço em relação à camada tecnológica, fenomenologicamente invisível, mas absolutamente real. (PARIKKA, 2016, p. 422)

Os exemplos escolhidos pelo autor trazem a matéria em seu estado natural, ao mesmo tempo em que apontam para as condições em que a tecnologia é fabricada, usada e descartada, levando em consideração os interesses político-econômicos estabelecidos nesse processo, “e isso significa métodos artísticos cientes da longa cascata de relações materiais nas quais a prática artística se impõe” (2016, p. 423). Em sua análise, Parikka levanta dois conceitos importantes para o estudo da materialidade na arte: tempo profundo e substrato material. O primeiro diz respeito ao tempo da materialidade das mídias minerais de longo prazo, como o tempo geológico para composição do lítio em sua forma bruta, por exemplo. Já o substrato seriam as camadas de tempo profundo encontradas na materialidade da obra e em seus fragmentos de apoio.

Ao adentrar nas camadas temporais e geográficas da matéria, acenamos para um tipo de arte que se difere daquilo que classificamos até então como arte em método, conteúdo e forma. Este tipo de abordagem é capaz de dissecar as engrenagens da máquina, estendendo nosso entendimento para além da funcionalidade. Sobre o alcance dessa prática, Parikka (2016, p. 436) finaliza seu texto afirmando que “qualquer ruptura, falha ou disfuncionalidade pode abrir uma fenda capaz de nos transportar, através dos canais de logística, para o global; e para as entranhas da terra, até o substrato, e ainda mais profundo”.

Dentro do que chamou de geologia abstrata, o artista Robert Smithson afirma que a mente e a terra se encontram em um estado permanente de erosão e que, por este motivo, a arte teria um importante papel na organização dessa bagunça, ao lidar com a corrosão produzida através da criação de padrões estéticos. Ele também argumenta que, mesmo com o crescente uso da tecnologia e da indústria na arte a partir das décadas de 50 e 60, importantes artistas buscaram diferenciar seu trabalho do objetivismo das máquinas. O curador Nato Thompson (2010) alega que a arte contemporânea – nos segmentos da videoarte, dança e performance – tem atuado nessa direção, sendo facilmente reconhecida pelo seu comportamento devagar, longo, de uma lentidão extrema, quase tediosa. Para ele, esta seria uma forma de resistência contra a lógica de tempo de consumo do capitalismo tardio, uma vez que, desta forma, as obras requerem um espaço de tempo estendido para sua apreciação. Dentro deste contexto, opondo-se ao imediatismo e à funcionalidade, diversos artistas passaram a considerar o tempo como a materialidade de suas obras, como é o caso das performances duracionais da artista Marina Abramovic. Em sua crítica, Thompson diz que, mesmo projetos preocupados com a questão temporal estão completamente submetidos ao sistema capitalista, uma vez que mesmo as pausas estéticas já foram cooptadas como pílulas de alívio para o cotidiano acelerado.

Quando a arte foca na eficiência de um objeto, ela perde a sua temporalidade em prol da sua utilidade, o que de certa forma acaba separando-a do seu processo de constituição e fragmentando sua materialidade em uma única camada de existência. Percebemos o quão fundamental esta questão do tempo é para a arte contemporânea, principalmente porque estamos vivendo um processo histórico de adequação do tempo biológico do corpo para o tempo produtivo das máquinas, nas palavras de Thompson: “nós estamos plugados. Nós estamos na Matrix. Nós somos máquinas famintas atrofiadas”¹⁸ (THOMPSON, 2010, p. 1).

Se aplicarmos o pensamento de Smithson, podemos dizer que será necessária muita arte para arrumar essa bagunça toda, para a criação de padrões estéticos que possibilitem novas leituras de mundo. Lembrando que o que estamos considerando arte não está localizado em objetos fechados em si mesmos, mas num processo dinâmico de constituição. Nas palavras de Erin Manning (2016, p. 47), “arte como processo não é ainda sobre um objeto, sobre uma forma, ou um conteúdo. Ela está ainda em processo”¹⁹, em uma abordagem que valoriza a prática e não apenas os resultados finais.

Por fim, percebemos que sabemos muito pouco sobre o que seja a matéria, porque ela se encontra em constante transformação; e percebemos que existem muitas maneiras para se falar de materialidade, com cada área do conhecimento devendo tratar o tema de acordo com suas especificidades. De resto, o entendimento cartesiano de matéria que aprendemos na escola não dá conta dos conjuntos de questões levantadas. Ainda dentro de uma perspectiva processual, finalizamos este artigo como começamos, só que agora levantando algumas perguntas subsequentes: quando a arte acontece? O que define a sua existência enquanto arte? O que a arte é capaz de promover atualmente para a humanidade?

18 Tradução nossa: “We are plugged in. We are in the matrix. We are atrophied hunger machines.”

19 Tradução nossa: “art as a way is not yet about an object, about a form, or a content. It is still on its way”

Referências

- CHEAH, Pheng. Non-Dialectical Materialism. In: COOLE, Diana; FROST, Samantha (Ed.). **New Materialisms: Ontology, Agency, and Politics**. Durham & Londres: Duke University Press, 2010, p. 70-91.
- CONNOLLY, William E. Materialities of Experience. In: COOLE, Diana; FROST, Samantha (Ed.). **New Materialisms: Ontology, Agency, and Politics**. Durham & Londres: Duke University Press, 2010, p. 178-200.
- COOLE, Diana; FROST, Samantha (Ed.). **New Materialisms: Ontology, Agency, and Politics**. Durham & Londres: Duke University Press, 2010.
- EDWARDS, Jason. The Materialism of Historical Materialism. In: COOLE, Diana; FROST, Samantha (Ed.). **New Materialisms: Ontology, Agency, and Politics**. Durham & Londres: Duke University Press, 2010, p. 281-298.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**, Curso no Collège de France (1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- HARRIS, Michael. **The End of Absence: Reclaiming What We've Lost in a World of Constant Connection**. Nova York: Current, 2014.
- KATZ, Helena; GREINER, Christine (Org.). **Arte & Cognição: corpomídia, comunicação e política**. São Paulo: Annablume, 2015.
- _____. Por uma teoria do corpomídia. In: GREINER, Christine. **O Corpo: Pistas para Estudos Indisciplinares**. São Paulo: Annablume, 2005.
- _____. O Meio é a Mensagem: Porque o Corpo é Objeto da Comunicação. In: NORA, Sigrid (Org.). **Húmus**, n. 1. Caxias do Sul: Lorigraf, 2004.
- LANGE-BERNDT, Petra (Ed.). **Materiality: Documents of Contemporary Art**. Londres: Whitechapel Gallery e MIT Press, 2015.
- MANNING, Erin. **The minor gesture**. Durham: Duke University Press, 2016.
- PARIKKA, Jussi. Ecologias da mídia em mutação. In: LEÃO, Lucia (Org.). **Processos do Imaginário**. São Paulo: Képos, 2016, p. 417-436.
- SMITHSON, Robert. A Sedimentation of the Mind: Earth Projects, Artforum, v.7, 1968. In: LANGE-BERNDT, Petra (Ed.). **Materiality: Documents of Contemporary Art**. Londres: Whitechapel Gallery e MIT Press, 2015, p. 149-153.
- THOMPSON, Nato. Contractions of Time: On Social Practice from a Temporal Perspective. **E-flux journal**, n. 20, novembro, 2010. Disponível em: <http://www.e-flux.com/journal/20/67649/contractions-of-time-on-social-practice-from-a-temporal-perspective/>, Acesso em 18 jun. 2015.